MITO E CIÊNCIA: FRONTEIRAS DO PENSAMENTO

PINHEIRO-SILVA, Sonia[1]

[1] Mestra em Comunicação (Mídia e Cultura) pela Universidade de Marília (SP), Jornalista pela UFJF (MG), Editora Geral da Revista Científica Cereus, Docente responsável pelas disciplinas Projetos Experimentais e Monografia do Curso de Comunicação Social do Centro Universitário UnirG,

RESUMO

Esta pesquisa estabelece uma relação entre o mundo mítico e a ciência, considera a necessidade humana de entender o sagrado que direcionou o surgimento da magia e de mitos, e discute o desenvolvimento da ciência, que tornou possíveis conhecimentos seminais, mas povoou o mundo de grandes incertezas e o vislumbre catastrófico de um não-futuro para o homem. Essa afirmação encontra eco já na aurora da civilização nas ancestrais brigas tribais por comida e poder, até o tempo presente, com o advento das armas nucleares, capazes de exterminar qualquer possibilidade de vida. É o progresso da ciência representado pela degradação da biosfera, pela revolução industrial que ao mesmo tempo em que cria necessidades, destrói.

Palavras-chave: Mito. Ciência. Inconsciente coletivo.

ABSTRACT

This research establishes a relation between the mythic world and the science, consideres the human necessity of understanding the sacred that directed the appearing of the magic and of the myths, and discusses the development of science, that became possible seminal knowledge, but populated the world of big uncertainness and the catastrophic glimpse of a non-future to the man. This affirmation finds eco already in the dawn of the civilization in the tribal ancestral fights for food and power, until the present time, with the advent of nuclear arms, capable to exterminate any possibility of life. It's the science progress represented by the degradation of biosphere, by the industrial revolution that at the same time that creates necessities, destructs.

Keywords: Myth. Science. Collective unconscious.

Alimentar-se sempre foi a pedra angular da sobrevivência. Na satisfação dessa necessidade fisiológica homem e animal, no início dos tempos, fundiam-se numa dança de movimentos instintivamente equilibrados, sem uma definição clara sobre qual das partes mimetizava os gestos para mais facilmente apoderar-se do corpo do outro, o alimento possível. De acordo com Aristóteles (s/d, p. 244)

> A tendência para a imitação é instintiva no homem, desde a infância. Neste ponto distingue-se de todos os outros seres, por sua aptidão muito desenvolvida para a imitação. Pela imitação adquire seus primeiros conhecimentos, por ela todos experimentam prazer.

Inicia-se, já nessa fase, uma incipiente tentativa de entender os mistérios terrestres e uma primeira organização em torno da qual a vida humana floresceu. Conquistado o alimento e a proteção contra as intempéries, o hominídeo conseguiu sobreviver às transformações glaciais e ao frio resguardando-se entre peles, couros, o calor do fogo, e dominando a sua estupefação

frente às mudanças pelas quais a Terra passava. Restavam-lhe, então, dois horizontes: a natureza – selvagem, forte, arbitrária, independente – e seu eu interior – arena onde se digladiavam a fobia, os desejos, as angústias, as paixões.

Essa luta diária na compreensão do desconhecido e na submissão à natureza foi amalgamando conhecimentos, sedimentando normas, confirmando o controle sobre os outros animais e sobre o solo fértil. Era o princípio da ordem, do estabelecimento da relação de supremacia do homem sobre a natureza, considerando a necessidade que sempre povoou a mente humana de modificar o meio ambiente, numa urgência primitiva de domínio para aplacar o temor do desconhecido. Com o florescimento da ciência surgiram alterações tanto no meio ambiente como em certas espécies.

O que se perpetua incógnito, mesmo com o concurso da ciência e da mitologia, é dimensionar em que medida se situava o entendimento do que seria a terra para esse ser primitivo. Julga-se, pela análise de vestígios fósseis já catalogados pela ciência que, para aquele humano, o universo representava o desconhecido que deveria ser dominado e, na sua impossibilidade, temido e explicado pela magia.

O SAGRADO E O PROFANO

Diante de tantas conquistas fez-se necessário instaurar uma ordem mental que as direcionasse. Aparece, então, a diferença entre o sagrado – o destino e as fúrias da natureza – e o profano – o fazer prático aliado ao pensar lógico (para colher era preciso semear, para ter o fogo era preciso golpear a pedra). Dominar a natureza nesses fazeres diários significava o exercício do poder sobre o desconhecido. Entretanto essa confirmação mostrava-se incompleta na medida em que fenômenos como os relâmpagos, as chuvas, as secas, a morte, a vida, permaneciam incompreensíveis e incontrolados. Encontrar uma explicação lógica para eles era preciso.

Na busca de explicar o inexplicável que lhe garantiria o poder e, consequentemente, segurança, o homem descobriu a magia, uma razão vista então como lógica, com poderes para justificar o sagrado e suas conseqüências. Satisfazia-se, a partir desse momento, a necessidade de segurança e proteção contra perigos e ameaças (uma das cinco necessidades que compõem a Pirâmide do psicólogo americano Abraham H Maslow, idealizada em 1970 para auxiliar na compreensão das necessidades humanas).

O pensamento mágico resulta, portanto, da introspecção do homem frente aos fenômenos para os quais a lógica metodológica (profana) não oferecia respostas. O homem deixa de procurar essas respostas na natureza (fora de si) e passa a pesquisá-la dentro de seu interior, dentro de suas verdades e indagações.

Sendo o objetivo da magia mostrar o mundo como algo a ser controlado, encantado como um animal, e a partir daí oferecer uma explicação para o sagrado, entende-se porque a magia está impregnada de mistérios, de obrigações e tabus. Nesse contexto, sempre que necessitava de um difícil milagre, isto é, dominar uma força desconhecida, o homem aliava os rituais profanos aos sagrados. Nessas ocasiões, o sagrado (mágico) complementava o profano sem substituí-lo (MENEGAZZO, 1994).

A forma de domínio pela magia era expressa nos rituais, cerimônias, celebrações e cultos a deuses da agricultura, sempre sob a representação de festas campestres nas quais elementos como vinho, música, dança com peles de animais e uso de sementes alucinógenas configuravam o momento catártico da captura de um deus. (MENEGAZZO, 1994). Esse era o

momento da comunhão entre o deus e o homem comum que, assim o possuía, transformando-se também em deus.

Com o advento da razão mítica pelo uso de símbolos – lendas, mitos, alegorias – transformadores do desconhecido em conhecido, o homem conseguiu saltar do pensar mágico para o pensar mítico. Assim, a descoberta do poder de vestir e de tirar disfarces, o poder de imitar, de simular para compreender, dá origem à representação.

É através da representação que o homem compartilha e expressa o sentimento de alegria, de luto, de vitória numa boa colheita, de dor numa contenda perdida. Pela representação as forças da natureza são explicadas e, portanto, dominadas fazendo surgir deuses e monstros inomináveis.

Assim desenvolveram-se as primeiras ideias relacionando a fecundidade humana à fertilidade da terra, vista então como uma deusa pronta a procriar. Nesse viés, tendo-se presente o pensamento de que os atos praticados pelo homem mimetizam ações divinas, merece ser lembrado o sentido mítico/sagrado com que é descrito o ritual da fecundação do solo pela chuva e sua influência nos terrestres, numa legitimação intermediada por um modelo não-humano. Nesse sentido, o matrimônio humano simbolizaria a união do céu e da terra, quando o céu abraça sua noiva despejando a chuva fecundadora. É quando Deméter, deusa da agricultura, "deita-se com Jasão no campo recém-semeado, no começo da primavera" (ELIADE, 1992, p. 31), para promover a fertilidade do solo.

Renovam-se os deuses, transformam-se os valores. Nessa fase o homem aparece com nova visão de mundo. Se enquanto mágico o vital era conhecer para dominar, domesticar, como mítico a meta era compreender para explicar, para conhecer.

Tomando como fio condutor uma concepção mais filosófica na conceituação do que representa o mito para o homem, descortina-se o pensamento de Leonardo Boff (2000), para quem as mitologias, mais que as ciências e as filosofias, encerram, junto com as religiões, as grandes elucidações da essência humana.

O MITO

O mito é uma narrativa que surgiu como uma forma de garantia do poder mágico. Na medida em que um relato, um ato, conseguia um milagre, estabelecia-se um mito que, na maioria das vezes, servia como instrumento de controle social. Como o mito é uma fala, um relato, o pensar mítico é um pensar representado e, conseqüentemente, dramático, tido como verdade porque tem por objetivo a justificação de um fato analisado e interpretado como verdadeiro (BARTHES, 2003).

O mito é sempre aceito como verdade por uma comunidade porque ele é por ela confirmado como representação objetiva e inquestionável, resposta absoluta da tentativa de explicar o desconhecido, funcionando como poderoso fator de controle social. Campbell (1959) explica que o homem mitifica pela necessidade de entender e explicar o lugar onde vive, para manter a ordem social e crescer como ser humano física e espiritualmente. Mircea Eliade (1963, p. 12) propõe que o mito conta

> [...] uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos...o mito conta graças aos feitos dos seres sobrenaturais, uma realidade que passou a existir, quer seja uma realidade total, o Cosmos, quer apenas um fragmento, uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, é sempre portanto uma narração de uma criação, descreve-

> se como uma coisa foi produzida, como começou a existir [...] o mito é considerado como uma história sagrada, e portanto uma história verdadeira, porque se refere sempre a realidades.

Numa narrativa, as palavras corporificam *clamores antigos* porque possuem "no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas". (BARROS, 2003, p. 1). Servindo-se de seres sobrenaturais que habitaram as mentes das civilizações primitivas, o mito corporifica-se para narrar uma manifestação do real, numa conexão instantânea entre o inconsciente e a realidade.

MITO E INCONSCIENTE

O conceito freudiano de inconsciente foi ampliado por Jung como inconsciente coletivo. Fundador da psicologia analítica, Jung entende como inconsciente coletivo um estágio da consciência no qual as experiências de uma comunidade se sedimentam, formando um universo de memórias, pensamentos e sentimentos. Inversamente ao inconsciente pessoal – que abriga sentimentos e ideias individuais reprimidas – o inconsciente coletivo é compartilhado pela humanidade.

> O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. (JUNG, 2000, p. 51).

Para Jung, as imagens ou arquétipos, estruturas que habitam o inconsciente coletivo, são eternizadas por herança tendo, dessa forma, constituído a realidade dos ancestrais humanos, ainda que de forma não consciente. Esse perpassar pelas realidades históricas justificaria, por exemplo, certo tipo de fobia que acomete determinados sujeitos. Essa fobia poderia ser transmitida através do inconsciente coletivo, que facilitaria uma predisposição para que algum fato ou acontecimento seja temido. No primeiro contato com esse algo, a pessoa pode sentir-se ameaçada sem, contudo, ter vivenciado uma experiência pessoal que provocasse tal fobia, sendo esse pavor originado do inconsciente coletivo. Ou seja, os mitos ou arquétipos que compõem o inconsciente coletivo são universais e atemporais, e ao serem apreendidos por um indivíduo ou uma comunidade, sofrem a influência dessa nova realidade.

Diferentemente da concepção junguiana, Freud apresenta uma nova perspectiva de interpretação acerca da funcionalidade do mito. Assenta que na lembrança ancestral de ocorrências históricas e culturais ou na construção de uma fantasia sobre fatos reais, os mitos configuram-se numa expressão simbólica do inconsciente de uma sociedade, na mesma proporção que os sonhos se manifestam na existência individual. Para sustentar sua tese, Freud resgata o mito grego Édipo para simbolizar o desejo sexual que o filho nutre pela mãe e a consequente necessidade de superar o pai.

As concepções junguianas sobre o inconsciente coletivo têm suscitado discussões ao defender a ideia de que o mito – manifestação de arquétipos que surgem do inconsciente coletivo – constitui a base da psique, sendo interpretado pelos sonhos.

Do exposto depreende-se que não são completamente díspares as concepções entre a noção freudiana de id e a noção de inconsciente coletivo junguiana. O que os fez trilhar caminhos opostos foi a divergência sobre a psicologia do incesto que, para Jung apresentava um aspecto religioso, simbólico, ideia não considerada por Freud, que manteve sua visão positivista do evento como uma produção narrativa factual (HILLMAN, 1981).

MITO E CIÊNCIA

Lançar mão dos mitos para explicar os atos terrestres, naturais e humanos, sempre foi prerrogativa do homem desde a aurora da civilização. A necessidade de entender o sagrado direcionou o surgimento de mitos, dando-lhes poderes suficientes para conduzirem os destinos humanos em sua evolução.

Elemento de interpretação da linguagem no meio social, o mito relaciona-se intrinsecamente com os processos comunicacionais para representar as tradições e os anseios de uma comunidade. Entretanto, quando o mote é a ciência, a mitologia e a psicanálise não conseguiram, ainda, precisar como acontecem as relações entre mito e as descobertas científicas. Nesse sentido, permanece atual a inquietação freudiana: "não será verdade que cada ciência, no final das contas, se reduz a um certo tipo de mitologia?"

Lévi-Strauss (1978) lembra que nos séculos XVII e XVIII foi necessário ao positivismo de Bacon, Descartes e Newton romper com o pensamento mitológico como condição para o existir científico, ou seja, a ciência apenas se confirmaria se dissociada da ilusão do imaginário. Para o antropólogo a ciência apresentava-se como reducionista ou estruturalista: reducionista quando reduzia fenômenos complexos a um nível simples para decodificá-lo; estruturalista quando, ao não conseguir reduzir os fenômenos, estudava suas relações internas, tentando compreender seu sistema. Ao parcelar, a ciência divide, "desune e compartimenta os saberes, tornando cada vez mais difícil sua contextualização". (MORIN, 2002, p. 41). O que o pensador propõe é, mais do que ignorar uma das partes, "conjugá-las".

Depois de um longo período de supremacia da ciência sobre todas as verdades, onde tudo deve ser metodicamente medido e comprovado, eis que de repente essa mesma ciência se depara com um problema axial: por mais seguro que possa ser concebido, o método científico ainda é manipulado por seres humanos, suscetíveis a imperfeições de sua própria natureza, mas dotados de potencial capacidade de superação ainda não explicada pelo conhecimento científico, mas justificada nas narrativas mitológicas.

A ciência, em detrimento da filosofia e das tradições culturais, amparou-se na confiança cega em seus métodos para apropriar-se da capacidade de dar respostas à humanidade, e, durante certo período, mostrou-se eficiente nessa proposição. O prestígio que lhe foi atribuído contribuiu para excluir a sociedade do debate sobre o uso racional das descobertas científicas e dos recursos naturais empregados para viabilizá-las, reforçando a certeza de seu poder ilimitado.

Essa visão excludente não condiz com o pensamento de Mora, (2003, p. 13), para quem "a ciência é uma atividade que diz respeito à sociedade toda, ainda que ela, na divisão de tarefas, transfira a responsabilidade dessa atividade a uns poucos". A autora lembra ainda que "até o final do século XIX [...] o conhecimento científico formava um só *corpus*, que era chamado de filosofia natural e o acesso a esse conhecimento efetuava-se verbalmente; existia uma comunicação textual entre cientistas e leigos" (2003, p. 7).

Nesse raciocínio, é de se questionar um aspecto pontual. O homem comum, no geral, dispõe de tempo e conhecimento para entender, manusear e tirar benefícios dos produtos desenvolvidos pela tecnologia, mas é questionável sua capacidade de definir o que deve ser pesquisado, mesmo sendo ele o patrocinador a partir do momento que a maioria das pesquisas é financiada por órgãos governamentais. Coisas que o afetam particularmente são bem-vindas, fazem-lhe bem, mas coisas mais abrangentes que digam respeito à humanidade e à Terra são, para esse homem, pouco significantes. Trocando em miúdos, é o fim da solidariedade como resultado do fim da percepção do global, uma vez que, como diz Morin (2002) cada qual não mais sente os vínculos com seus concidadãos.

Em relação à tamanha responsabilidade na mão de uns poucos, o simples fato de se constituir numa pesquisa científica não significa que seja para o bem-estar comum, uma vez que "o conhecimento científico não pode tratar sozinho dos problemas epistemológicos, filosóficos e éticos" (MORIN, 2002, p. 21). Surge, a partir desse comentário, a questão da utilidade de algumas invenções. Política? De dominação?

O distanciamento do homem comum das decisões sobre pesquisas científicas vem sendo alimentado mesmo nos dias atuais, quando as radicais transformações tecnológicas recriam o mundo e, num futuro próximo, o homem e seus mitos, (considerando-se aqui o inconsciente coletivo de Jung). Esse desenvolver de técnicas, formas e vidas pouco tem levando em conta o valor da busca frenética de bens em detrimento da ordem mundial para a sobrevivência da humanidade.

A face terrestre civilizada estaria retornando às suas origens mágicas e mitológicas para conseguir sempre mais e, assim, sentir-se dominadora e, portanto, segura?

> o surgimento dos mitos, dos deuses, e o extraordinário levante dos seres espirituais impulsionou e arrastou o *Homo sapiens* a delírios, massacres, crueldades, adorações, êxtases e sublimidades desconhecidas no mundo animal. Desde então, vivemos em uma selva de mitos que enriquecem as culturas. (MORIN, 2002, p. 28).

O desenvolvimento da ciência tornou possíveis conhecimentos seminais, mas ao mesmo tempo povoou o mundo de grandes incertezas e o vislumbre catastrófico de um não-futuro da evolução humana, conceituada por Morin (2002) como o crescimento do poderio da morte. Essa afirmação encontra eco nas diversas ações do homem sobre o planeta desde que se instalou no solo terrestre, representadas pelas ancestrais brigas tribais por espaço e comida, até o advento das armas nucleares, com poderes para exterminar qualquer possibilidade de vida, culminando nas ações predatórias ao meio ambiente. É o progresso da ciência. Progresso travestido de cordeiro que apresenta o bem, mas incorpora o mal, representado pela degradação da biosfera, pela revolução industrial que ao mesmo tempo em que cria necessidades, destrói. Para Jung (1975, p. 424) "nem a fome, nem os tremores de terra, nem os micróbios, nem o cancro, mas, pura e exclusivamente, o homem é o maior dos perigos para o homem".

O homem por trás da máscara da magia ou da ciência sempre perseguiu a segurança e satisfação dos instintos num futuro nem sempre imprevisível, mas nesse século XXI quase-sem-futuro, pelas ações predatórias no planeta, o caminho possível seria poder voltar, com Manoel de Barros (2001, p.41)

> [...] a apalpar as primeiras formas da pedra. A escutar
> os primeiros pios dos pássaros. A ver

as primeiras cores do amanhecer.
Como não voltar para onde a invenção está virgem?

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES (OU A SOBREVIVÊNCIA COMO FIM)

Uma nesga de olhar à nossa volta revela a aplicação de inúmeros resultados de pesquisas científicas. Temos clones, computadores, antibióticos, bombas e tantos artefatos outros a interferir, a transformar a condição humana, a alterar o curso da história. Em contrapartida, as sociedades estão se voltando para suas crenças e tradições, num movimento cíclico em busca das origens.

A ciência moderna, com todo seu aparato tecnológico, não é capaz de construir narrativas similares que afirmem os valores subjetivos do homem, tendo-se limitado a suprir expectativas materiais que, por sua vez, alimentam vazios no espírito. É de se re-citar, aqui, Manoel de Barros (1996, p. 53), quando diz que

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um
sabiá
mas não pode medir seus encantos.
A ciência não pode calcular quantos cavalos de força
existem
nos encantos de um sabiá.
Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare
Os sabiás divinam.

Objetiva, racional, tecnicista, inteligente, sóbria, a ciência, não responde sozinha às inquietações próprias do ser humano, essencialmente subjetivo, passional, afetivo, embriagado pelo imaginário. Nesse separar de caminhos entre ciência e pensamento mítico, resta a sensação de que ambos sempre buscaram as mesmas respostas. Os olhares voltam-se, então, para a ideia de que tanto ciência como mito contêm verdades universalmente aceitas, caracterizando a dualidade da sociedade moderna.

Nesse entendimento, o que se descortina amplo é essa ciência se voltar sobre seus próprios passos para encontrar o travesso fio condutor que lhe trouxe um secular enigma universal – quem somos e porque estamos aqui – para tentar, respeitando o corpo social que a certificou e a natureza que se lhe descortinou indefesa, uma saída científica que torne real homem, mito e natureza convivendo sob a égide do respeito mútuo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética.* Coleção Universidade de Bolso. Ediouro, s/d.

BARROS, Manoel de. *Livro Sobre Nada.* Rio de Janeiro: Record, 1996.

_____. *Tratado geral das grandezas do ínfimo.* Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. *Memórias Inventadas*: A infância. São Paulo: Planeta, 2003.

BOFF, Leonardo. *Ética da vida*. 2. ed. Brasília: Letraviva, 2000.

_____. *Saber cuidar:* ética do humano – compaixão pela terra. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito***.** São Paulo: Athena, 1990.

ELIADE, Mircea. *Aspectos do Mito*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1963.

_____. *Imagens e símbolos*: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *Mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1992.

HILMAN, James. *Estudos de psicologia arquetípica***.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____*O homem à descoberta da sua alma:* estrutura e funcionamento do inconsciente. Porto: Livraria Tavares Martins, 1975.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado***.** Lisboa: Edições 70, 1978.

MASLOW, Abraham. *Motivation and Personality.* New York: Harper & Row, 1970.

MENEGAZZO, Carlos M. *Magia, mito e psicodrama***.** São Paulo: Ágora, 1994.

MORA, Ana Maria Sanchez. *A divulgação da ciência como literatura*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.

ROCHA, Everardo. *O que é mito***.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

TRINDADE e LAPLANTINE, Liana Sálvia e François. *O que é imaginário***.** São Paulo: Brasiliense, 1997.

Data de envio: 15.04.2009
Data de aceite:13.05.2009

This document was created with Win2PDF available at http://www.win2pdf.com.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.